

AMANDA DIAS RIVELLI

**NADA É TÃO MEU...**  
**MINHA CARNE NÃO ME REVELA**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2018

AMANDA DIAS RIVELLI

# **NADA É TÃO MEU... MINHA CARNE NÃO ME REVELA**

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Felipe Menicucci

Viçosa - MG  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV  
2018



Universidade Federal de Viçosa Departamento  
de Artes e Humanidades Curso de  
Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Nada é tão meu...minha carne não me revela*, de autoria da estudante  
Amanda Dias Rivelli, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Ms. Felipe Menicucci – Orientador  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

---

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

---

Ms. Alexandra Bittencourt de Carvalho  
Professora de Linguagens

## AGRADECIMENTO

Este com certeza foi o trabalho mais intenso da minha vida acadêmica. Quando eu paro para pensar em todo o percurso, fico orgulhosa de mim mesma e com o coração cheio de gratidão por cada um envolvido. Tenho comigo uma fé que não me deixa cair, por isso agradeço muito a Deus por me permitir estar onde estou, fazendo o que amo e pelas pessoas que colocou em meu caminho. À minha família, principalmente minha mãe, minha irmã Isadora, Valéria e Vó Aparecida, por entenderem minha ausência e vibrarem comigo a cada vitória.

Ao meu orientador Felipe, obrigada por ser calma em meio a tempestade. Por comprar a ideia, tranquilizar e acreditar em momentos que por vezes até eu estava desacreditada. Aos professores, por serem solícitos e tão humanos, coisa difícil de se ver em qualquer curso. Aos funcionários do departamento, por envolverem com nossa história durante a jornada da graduação.

República Integração, eu nunca poderia deixar de citar, por me aguentarem nos piores e melhores dias, por serem minha família do coração. Que sorte a minha ter esbarrado tão por acaso com vocês e em todos que frequentam a melhor casa do mundo. À Aline, Marcella e Janine vocês são as melhores companheiras de estudos e vida! Sem vocês esse trabalho não seria concluído, sabemos disso.

Aos meus entrevistados, Júlia, João Pedro, Will, Jéssica e Ane, por confiarem suas histórias e me emocionarem tanto... foi tudo intenso e muito importante pra mim. Em especial, Ane, você e sua alma mexem com a minha, foi por ter te conhecido e por tantas conversas que tive tanta certeza desse trabalho e da minha competência. As casas que me receberam com tanto carinho durante as gravações: República Convento, Ane e Guilherme, de verdade, sou muito grata por cada dia que passei com vocês.

Aos meus amigos de Barbacena, Belo Horizonte e Viçosa, vocês são incríveis e as melhores pessoas que podiam ter passado e permanecido em minha vida, sem vocês não seria a Amanda que sou hoje.

Toda minha gratidão à UFV, por ter me tornado uma profissional e um ser humano melhor todos os dias. Que esta seja apenas uma fase de tantas outras que ainda virão, mas nunca me esquecerei de nada que vivi aqui. Um pedaço do meu coração fica e com ele tantas histórias e momentos incríveis... só tenho a agradecer.

*Amanda Dias Rivelli*

## **RESUMO**

O presente memorial integra o Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Consiste em um trabalho experimental no formato de Documentário, permitindo experimentar técnicas de audiovisual aprendidas durante a graduação, retratando a relação do ser humano com seu corpo. Intitulado como “Nada é tão meu...minha carne não me revela”, trazemos a ambiguidade de um tema privado e ao mesmo tempo exposto pela mídia. Cinco personagens de biotipos e sentidos distintos, relatam preconceitos vividos, aceitação corporal e como a sociedade os enxergam. No memorial ainda discutimos referências teóricas do gênero documentário, técnicas de roteiro e personagens no documentário, e as representações do corpo na esfera midiática. O vídeo documentário “Nada é tão meu...minha carne não me revela” tem o objetivo de trazer a importância da reflexão deste tema, além de trazer a voz em primeira pessoa de personagens de corpos resistentes por meio de uma mídia desconstruindo estereótipos.

## **ABSTRACT**

The present memorial refers to the Work of Conclusion of Course the Course of Social Communication – Journalism of the University of Viçosa. This one come by means of an experimental work in Documentary format, allowing to experience audiovisual techniques learned during the graduation, portraying the relation of the human being with his body. Titled as “Nothing is so mine...my flesh does not reveal me”, we bring the ambiguity of a private theme and at the same time exposed by the media. Five characters of diferent biotypes and stereotypes, report biased prejudices, body acceptance and how society sees them. In the memorial, we still discuss theoretical references of the documentary genre, script techniques and characters in the documentar, and representations of the body in the media sphere. The documentary vídeo “Nothing is so mine...my flesh does not reveal me” aims to bring the importance of the reflection of this theme.

## **KEY-WORDS**

Body; representations; media; documentary video

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	9
2.1 Discussões sobre o gênero documentário:.....	9
2.1.1 <i>Técnicas de Construção de Roteiro e Personagens no documentário</i> .....	11
2.2 O corpo e suas representações.....	13
3. RELATÓRIO TÉCNICO.....	16
3.1 Pré-produção .....	16
3.2 Produção.....	18
3.2.1 <i>Personagens do documentário e técnicas de abordagem</i> .....	20
3.3 Pós-produção.....	24
3.4 Ficha técnica.....	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	27
6. ANEXOS.....	29

## 1. INTRODUÇÃO

O vídeo documentário *Nada é tão meu...minha carne não me revela*, produzido como projeto experimental de conclusão de curso, apresenta histórias de personagens com biotipos físicos e sentidos diferentes e revela problemas sociais e psicológicos que vivenciaram quando o assunto é corpo. Entendemos biotipos como estrutura física, biologia corporal, e como corpos políticos, a estrutura física enxergada pelo lado social, portanto, não são sinônimos mas acreditamos que não podemos falar de corpos físicos sem considerar corpos políticos.

Este trabalho permite experimentar técnicas da linguagem audiovisual aprendidas durante a graduação, retratando a relação do ser humano com o próprio corpo e suas representações, principalmente na esfera midiática. A escolha do tema foi baseada na percepção e leituras sobre a forma com que as pessoas cultuam o corpo desde a Grécia Antiga e a importância que é dada à estereótipos até na atualidade, sendo cada vez frequente a busca do corpo perfeito.

Pretende-se, portanto, através de depoimentos de personagens reais com biotipos e sentidos diferentes relatar processos de aceitação e qual a importância do assunto, sabendo da dificuldade de quebrar paradigmas, mas registrando experiências de pessoas e como elas lidam com as pressões midiáticas e sociais, sem que pessoas falem por elas sobre seus corpos.

Sabendo a vasta diversidade populacional e das limitações de um Trabalho de Conclusão de Curso em relação à deslocamento, fontes e privacidade no assunto, as personagens foram selecionadas e escolhidas intencionalmente, com cautela para que preconceitos não fossem reforçados nas entrevistas. Partimos de algumas considerações, que serão exploradas ao longo deste memorial. Entre elas, a escolha pela linguagem audiovisual documental para a realização deste trabalho experimental, que se justifica pelo argumento de que um filme documentário além de cinematográfico, é, essencialmente, jornalístico.

Sendo assim, é possível aplicar e sintetizar os conhecimentos aprendidos ao longo da graduação em jornalismo. Ainda que existam diversas discussões acadêmicas relacionadas a ficção e realidade retratadas nos produtos audiovisuais e a qual gênero se encaixa determinada produção, o documentário se destaca em uma particularidade, que Cristina Teixeira Vieira de Melo cita em seu artigo “O documentário como gênero audiovisual”:

Uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é aquele não poder ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último; o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. (MELO, 2002, p.26)

Justifica-se também o formato pela necessidade de retratar a realidade de pessoas comuns, no sentido de não serem conhecidas e influentes, de forma que haja certa aproximação entre os personagens e o espectador. Dentre os produtos audiovisuais, acredita-se que o documentário permite uma profundidade e reflexão de corpos, ainda dando a oportunidade à quem assiste de tirar sua própria conclusão, como Gustavo Souza explica:

Essa diferença no procedimento de elaboração permite ao documentário aprofundar questões, não apenas descrevendo-as, mas apresentando razões, causas e possíveis desdobramentos que ultrapassam o campo de descrição, como também estabelece com o personagem um diálogo de mão dupla, onde o documentarista pode promover o confronto com o entrevistado, instigando-o a rever posicionamentos ou lançando desafios. Essa possibilidade do confronto faz com que o documentário não seja apenas o lugar onde o depoente “ganha direito de voz”, mas um produto audiovisual cujo alicerce é o embate entre o documentarista e personagem. Esse elemento permite ao documentário apresentar ao espectador diversas vozes para que ele possa construir seu próprio ponto de vista ou conclusão. (SOUZA, 2007, p.7)

Podemos justificar o trabalho baseado também em motivações pessoais. Os anos de 2015 e 2016 foram de grande importância por ser um período que o contato e o entusiasmo com o audiovisual cresceram, ficando claro que esta seria a área de mais interesse na Comunicação Social. Devemos considerar ainda a pouca representatividade midiática que os corpos e suas representações têm nos formatos propostos neste projeto, uma vez que corpos são trazidos para a mídia para serem falados por meio de especialistas ou estereotipados em personagens fictícios, e no documentário trazemos personagens reais para dizerem sobre si. Uma inspiração para o tema foi o Canal da Daiana Garbin no YouTube “EuVejo”<sup>1</sup>, onde Daiana retrata diversos assuntos relacionados a distúrbios alimentares, o olhar sobre os corpos, pressões sociais, de maneira que seus espectadores se identificam, e isso se comprova com o número de visualizações do canal e de curtidas nos vídeos. Meu primeiro contato com o Canal foi pela busca de leituras e materiais para um maior entendimento de um fato mal curado que me ocorreu na fase inicial da adolescência, em que por pressões familiares adquiri anorexia e por falta de tratamento se desdobrou em outros transtornos alimentares até a fase adulta.

Com a elaboração deste projeto, alguns questionamentos foram levados em conta durante o processo de escolha dos entrevistados. Essas pessoas se sentem representadas pela mídia? Qual o sentimento ao se olharem no espelho?

---

<sup>1</sup> Daiana Garbin é jornalista e atualmente apresentadora do Canal EuVejo, inaugurou o canal para falar sobre corpo, transtornos alimentares e de imagem. Acessado em: <https://www.youtube.com/channel/UCg-pv0HJbbmob5dtzRDdtXw/featured>



Pesquisando então sobre o assunto, entendemos que a busca pelo corpo perfeito não é um tema sobre atualidade, e sim que ele vem desde a Grécia Antiga, cada época com suas características, porém um tema bastante presente. No Trabalho de Conclusão de Curso “O Corpo (gozado) Manipulado Pelo Outro (consumismo)” de Emanuelle Fernandes e Thaís Furtado, graduadas em Psicologia, fala-se sobre essa relação do ser humano com seu corpo:

Na contemporaneidade, as pessoas estão cada vez mais investindo em seus corpos, com o objetivo de conseguir mais prazer sensual e aumentar sua estimulação social, ocasionando um mercado com aumento de produtos e serviços. A mídia reproduz corpos com um padrão estético praticamente inacessível para grande parte da população, permeada pela indústria do consumo. Os modelos corporais evidenciados mostram uma homogeneização que está ligada a uma lógica de mercado que busca a lucratividade. Mostra-se uma beleza estética que se associa a um ideal de saúde, magreza e atitudes. (FERNANDES; FURTADO, 2015, p. 14)

Com a pesquisa em andamento pudemos notar a diversidade de biotipos estereotipados e a dificuldade que a mídia tem de abordar o assunto de forma não-estereotipada, fazendo com que as pessoas que não se encaixam no “padrão social” imposto, não se sintam incluídas no meio em que vivem, podendo levar a consequências físicas e psicológicas de saúde: “Estamos vivendo numa cultura em que a aparência jovem é extremamente valorizada. Cada cultura constrói sua imagem de corpo e essas imagens se instituem como maneiras próprias de ver e de viver o corpo” (RUSSO, 2005, p. 83).

Nos próximos capítulos deste memorial, vamos abordar questões e conceitos de ordem teórico-reflexiva que darão embasamento às aplicações práticas presentes no relatório técnico. Levantaremos discussões sobre o formato audiovisual escolhido, bem como os procedimentos para a criação de roteiros e valorização de personagens. E ainda, vamos mencionar questões ligadas às diversas formas como o corpo é retratado pela mídia.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Discussões sobre o gênero documentário:**

Os pioneiros da história do cinema, num primeiro momento no século XIX, investiam tecnologia e trabalho em produções de registros cotidianos, com limitações técnicas conceituais. Ao longo dos anos o cinema alcançou o status de arte, com produções voltadas para um público cada vez maior, entrando de fato no rol das produções culturais voltadas para a massa.

Entretanto seja no início da história do cinema ou na contemporaneidade, para que toda história seja bem contada existe a narrativa. Nogueira (2010) identifica como narrativa a união do enredo e da história, que pode se juntar ao próprio ato de narrar. Para ele, o ser humano contou e ainda conta histórias de tudo, a todo momento e em todo lugar, ou seja, estamos basicamente criando narrativas, e são elas que atribuem sentido à existência da linguagem audiovisual, justificando portanto tamanho sucesso da linguagem, seja ela fictícia ou factual.

Os filmes, para além de simples entretenimento, são recortes sociais e ao adentrarmos na produção cinematográfica nos aproximamos da conceituação de Bill Nichols(2005), com o “documentário de satisfação de desejos” e “documentário de representação social”, sendo o primeiro o que chamamos de filme de ficção, em que para ele os filmes são apresentados com roteiros e personagens fictícios, satisfazendo o espectador; e o segundo o que conhecemos como não ficção, filmes que não terminam com finais esperados e possuem personagens reais, e para Nichols (2005), todo filme é um documentário”.

Como histórias que são, ambos os tipos de filme pedem que os interpretemos. Como “histórias verdadeiras” que são, pedem que acreditemos neles. A interpretação é uma questão de compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores. A crença depende de como reagimos a esses significados e valores. Podemos acreditar nas verdades das ficções, assim como nas das não ficções. (NICHOLS, Bill. 2005, p.27)

Dito isso, ao trazer o documentário como gênero jornalístico, é natural cair no questionamento do que é ou não real. Nessa discussão notamos que a realidade para além de relativa em variados pontos de vista, a partir do momento em que ligamos uma câmera, e um enquadramento e uma angulação para os registros são escolhidos, a realidade deixa de ser realidade e passa a ser uma realidade construída, uma vez que o cineasta deixa sua “marca” com o olhar que coloca no filme, além do questionamento sobre a representação dos personagens na frente das câmeras. No artigo "Um novo olhar entre a realidade e a ficção: O documentário "Vinícius de Moraes" como construção criativa", Michele Matos e Márcio Guerra afirmam:

O importante, aqui, é lembrar que não é possível, mesmo que em filmagens essencialmente realistas, apenas documentar um fato ao acaso e mostrar essencialmente o real. O olho humano é diferente da lente da câmera, isto é, ela irá enquadrar por vias mecânicas uma realidade que só o olho humano pode ver no momento da ação. Guilherme Couto diz que " [...] no documentário a verdade da imagem é tema central, pois ainda há muita confusão. Se focamos o mundo real, mostramos a realidade, essa é a falsa premissa. (MATOS; GUERRA. 2013, p.06)

Entendemos então, que apesar de ser questionável a relação entre realidade e ficção, a liberdade de filmagem e de roteiro, além da escolha narrativa de quem o produz, traz aproximação ao espectador por tratar de uma questão social e através da narrativa, uma maior reflexão sobre o tema.

A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. Assim como a trama, o argumento pode ser apresentado de diferentes maneiras. “A liberdade de escolha é vital para as mulheres que têm de decidir se farão um aborto.” Esse é um argumento, ou ponto de vista, mas um documentário pode trabalhar de modo performático para transmitir o que sentem ou experimentam as mulheres nessa situação... (NICHOLS, 2005, p.73)

Para chegarmos o mais próximo da realidade, ainda que esta seja relativa, usaremos o método de entrevistas usado por Eduardo Coutinho<sup>2</sup> em seus últimos documentários, em que ele opta pelo distanciamento do objeto estudado com o sujeito, e a aproximação com seus personagens.

Mais radicalmente, Eduardo Coutinho não filma para produzir conhecimento no sentido conceitual. Ele apenas mostra rostos e vozes que são livres para *não* caber nos limites das sínteses” (Salles, 2004). A própria ausência de trilha sonora reforça esse sentido, à medida que o som de fundo ameaça instaurar uma atmosfera emocional ditada pela montagem. (FROCHTENGARTEN, 2009, p.02)

Dentre os produtos audiovisuais, escolhemos então o documentário porque acreditamos que para o tema em questão, poderemos através de pessoas de perfis variados falem de suas próprias experiências da forma em que lidam com seu corpo; mostrando assim pontos de vista diferentes mas com um objetivo, a aceitação corporal.

### *2.1.1 Técnicas de Construção de Roteiro e Personagens no documentário*

Quando pensamos em roteiro, pensamos na escrita prévia do filme, onde o roteirista escreve as ações dos personagens. Para Field (1979, p. 11), “o roteiro é como um substantivo — é sobre uma pessoa, ou pessoas, num lugar, ou lugares, vivendo sua ‘coisa’. Todos os roteiros cumprem essa premissa básica. A pessoa é o personagem, e viver sua coisa é a ação”. Tomando como base a citação de Field, pensamos no roteiro como o norteador de nossas gravações.

---

<sup>2</sup> Eduardo Coutinho foi um grande cineasta brasileiro que tinha como marca valorizar histórias de pessoas comuns e anônimas em seus filmes. Em *Jogo de Cena*, filme que inspirou o documentário do presente trabalho, Eduardo Coutinho opta por entrevistas no palco de um teatro, com cenário fixo, em que o espectador fica atento apenas ao personagem e a história contada. Seus filmes também eram marcados por desvincular a separação entre diretor e personagem, fazendo questão de sua voz aparecer, incluindo a direção e a importância dela no documentário.

Entretanto, nos deparamos com uma questão que Nodari (2012) em seu artigo "A Pesquisa como Fundamento no Roteiro de Documentário" relata ser bastante comum: a dificuldade de produzir um roteiro de um documentário onde só é possível definir o roteiro final após a edição e só é possível roteirizar a partir de uma pesquisa prévia.

Se estabelecermos a construção de um projeto cinematográfico ou audiovisual de documentário a partir das seguintes etapas: ideia, argumento, pesquisa, roteiro, pré-produção, produção, montagem, finalização e lançamento, podemos compreender a pesquisa aparecendo não só como terceiro elemento, mas como fundamento para os quatro primeiros passos. É possível afirmar que sem pesquisa não há roteiro, não há estratégia de filmagem, não há dispositivo, não há filme. (NODARI, 2012, p.02)

Junto com a pesquisa citada por Nodari, é também de extrema importância conhecer os processos de gravação, entender angulações, identificar e escolher qual o melhor plano para os personagens. Em *Nada é tão meu...minha carne não me revela*, é essencial que os personagens e seus corpos estejam em destaque, sem que o ambiente crie qualquer ruído tirando a atenção do espectador. Para isso, utilizamos como cenário um tecido preto, como no filme "Humano: uma viagem pela vida" de Yann Arthus-Bertrand.<sup>3</sup> Estratégia também usada por Coutinho ao optar por um plano fixo:

(...) dessa forma, em termos estéticos, o documentário de personagem de Coutinho se distancia, ainda mais, da estilística do documentário clássico e redimensiona certos procedimentos associados aos cinemas diretos e reflexivos. O que se pretende mostrar é que, na formatação do seu estilo, o diretor desloca, mescla e ultrapassa as técnicas da tradição documentária. Se, por um lado, Coutinho filma sem roteiro e com as novas tecnologias (vídeo) de som sincrônico, por outro, privilegia a câmera no tripé, investindo na potência do "plano fixo" para capturar cenas e falas reveladoras. (BEZERRA, 2009, p.31)

Um roteiro se torna completo com a presença de personagens. O uso de atores, atrizes, animais e outros seres que incorporam sentimentos humanizados em produções artísticas existe desde o teatro grego, como forma de fazer o público se identificar com sentimentos e ações humanas. As fábulas, por exemplo, usam animais, mas esses animais têm sentimentos humanos. Então, o personagem, independente de quem seja, é aquilo que traduz e materializa o sentimento humano, e conseqüentemente, do público. Essa construção atende a diversas finalidades, mas cumpre, num nível básico, a função estratégica de criar laços com a audiência por meio da representação e da identificação.

---

<sup>3</sup> "Humano: uma viagem pela vida" é um filme gravado pelo mundo inteiro que abordam questões polêmicas da humanidade, e tem como cenário o fundo preto e personagens diversos. O filme foi lançado no Brasil em Outubro de 2016.

Ao utilizar um enquadramento fixo em que apenas o personagem está em evidência, percebemos a importância da criação dos personagens em uma narrativa como esta. Nogueira (2010) realça que são os personagens os responsáveis pela ação e emoção da narrativa e, "ao conjunto de dimensões, aspectos e outras características da personagem podemos chamar perfil." (NOGUEIRA,2010, p.111).

Apresentados os perfis de cada personagem no documentário, é relevante entender que para a criação de cada personagem haja um conhecimento prévio de cada pessoa o que não significa que seja interessante uma pré entrevista.

A decisão de que a diretora não participasse das pesquisas partiu do ponto de que ela deveria conhecer as personagens apenas no *set* de filmagem para que o momento da entrevista fosse novo para as duas. Pedir a uma pessoa que repita uma história que já contou, nunca traz o melhor resultado para o vídeo. A emoção, a atenção e a narração da primeira vez que se conta uma história são fundamentais de ser captadas. A repetição é sempre mais fraca, sem emoção, com poucos detalhes e com o risco do personagem dizer: "como eu já te disse" ou expressões similares. (NODARI, Sandra. 2012, p.08)

No documentário produzido como trabalho de conclusão de curso, daremos espaço para que pessoas de biotipos físicos diferentes falem sobre si. Sem indicação de roteiro, sem filtro, sem cenário. Iremos usar a mídia como acreditamos que a mídia pode ser usada, sem julgamentos. Discutiremos então no próximo capítulo a mídia e o corpo de forma simples e objetiva, entretanto valorizando os termos e sua devida importância.

## **2.2 O corpo e suas representações**

Para que o tema do presente documentário seja entendido em sua essência, é de suma importância contextualizar a história da relação do ser humano com seu corpo desde a antiguidade, para isso passaremos brevemente por algumas fases em que o corpo sofreu modificações.

Fernandes; Furtado (2015) recapitulam as fases e importância corporal começando pela Grécia Antiga quando as pessoas buscavam o equilíbrio entre o corpo e a mente, em que a saúde e a harmonia eram o que consideravam de mais importância valorizando a fertilidade e o corpo forte, o esporte e o teatro eram onde esses corpos eram cultuados e admirados. Na Idade Média, o corpo perde o espaço da admiração e se torna fonte de pecado, remetendo à Paixão de Cristo, a quaresma, portanto o que antes era exibido se torna reprimido e escondido.

O Renascimento inaugura novas possibilidades de visão corporal. Havia uma preocupação maior com a liberdade, portanto o corpo passa a ser objeto de estudo e da ciência.

Durante a Antiguidade Clássica passou a existir a dualidade do corpo, a divisão de corpo e alma, assim o corpo físico passa a estar a serviço da razão. O Iluminismo retoma a Antiguidade Clássica, porém toma consciência de um ser manipulável e passível de aproveitamento. Com a sociedade Feudal e as máquinas e os transportes que envolviam a época, começamos a pensar em um sistema capitalista. Na Revolução Industrial, o corpo vira máquina e por fim na Contemporaneidade, marcada pelo Capitalismo e a chegada das grandes mídias, a busca pela aparência perfeita e o investimento no corpo, como cuidados e tratamento de beleza estética, se torna cada vez maior.

Sabendo da dimensão do controle dos corpos que existe quando falamos de corpo, citado no parágrafo anterior desde a Idade Média, é importante destacar que iremos discutir corpo sobre duas vertentes: o corpo físico (altura, peso, aparência) e o corpo político (como a sociedade enxerga e o problematiza), sendo o primeiro dependente do segundo termo.

Entendemos que as duas possibilidades para além de serem diretamente ligadas, e existirem outras formas de contextualizar um tema tão amplo e complexo, optamos por discutir como meios de comunicação na contemporaneidade tem grande influência para a potencialização de corpos físicos em corpos políticos.

Atualmente as indústrias da mídia estão passando por grandes mudanças econômicas e tecnológicas, gerando um importante impacto na produção e na difusão das mensagens. A produção e circulação das mensagens na sociedade atual é extremamente dependente das atividades das indústrias da mídia. (ALEXANDRE, 2001, p.115)

Durante as pesquisas sobre corpo de forma geral, é natural nos depararmos com alguns termos polêmicos que se revelam fundamentais para a compreensão do assunto abordado. A imagem do corpo por exemplo, é um termo bastante usado, e segundo Tavares (2003 *apud* RUSSO, 2005) para que seja bem compreendida a questão da imagem corporal é necessário que tomemos uma dimensão maior do que simplesmente a definição da linguagem (a imagem do corpo no sentido literal), já que existe a particularidade de cada indivíduo.

As pessoas aprendem a avaliar seus corpos através da interação com o ambiente, assim sua auto-imagem é desenvolvida e reavaliada continuamente durante a vida inteira (Becker, 1999), mas as necessidades de ordem social ofuscam as necessidades individuais. Somos pressionados em numerosas circunstâncias a concretizar, em nosso corpo, o corpo ideal de nossa cultura. (TAVARES, 2003 *apud* RUSSO, 2005, p.80)

Portanto, tomaremos como base a teoria da Imagem Corporal de Tavares, em que o corpo é representado e completamente relacionado à cultura e ao ambiente que o indivíduo vive. Entretanto, para aprofundarmos mais ao assunto, será encontrado no presente trabalho também o

termo "padrão de beleza", e para tal, teremos a escrita de Sampaio; Ferreira (2009), em que delimitam a beleza corporal no artigo "Beleza, identidade e mercado", para que então consigamos compreender qual padrão estamos nos referindo:

nesse sentido, beleza equivaleria à menor porcentagem de gordura corporal possível, nádegas e seios grandes e empinados, músculos definidos, pele bronzada, lábios grossos, ausência de celulite, de estrias, de qualquer mancha ou espinha na pele (por menores que sejam), e de qualquer característica que denote idade, como rugas, vincos no rosto, marcas de expressão e flacidez. (SAMPAIO; FERREIRA, 2009, p.123)

Entendemos que definir padrão de beleza é uma questão bastante difícil, afinal, padronizar um termo tão abstrato e relativo quanto o belo, seria impossível e como já dito, as experiências vividas são de extrema importância para a identificação desses padrões, além de não podermos deixar de citar os corpos de resistência, que foram e são essenciais em toda a história dos corpos. Em linhas gerais no Brasil, por ser um país de longa extensão, por possuir várias regiões e uma gama de culturas, no entanto, pessoas brancas, magras e saradas ainda que não sejam predominantes no Brasil, são as pessoas mais bem aceitas pela mídia e pela sociedade, podemos perceber isso por meio das novelas por exemplo. Por mais que exista inclusão de outros biotipos na mídia, ainda prevalecem os padrões caucasianos.

Desde que surgiram os meios de comunicação, somos influenciados pelos produtos midiáticos, segundo Alexandre (2001, p. 113), "diariamente somos bombardeados e envolvidos por informações, através de imagens e sons que, de uma forma ou de outra, tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos", deste modo, o corpo não foge à regra das influências, e a forma como ele é representado por vezes pode prejudicar e/ou auxiliar na forma em que as pessoas se relacionam com ele.

No projeto experimental em questão, selecionamos personagens de biotipos físicos e estereótipos diferentes, dentre eles, Júlia Costa, mulher negra, gorda, estudante de Geografia e militante; João Pedro, conhecido como "Dusmales o menor" (apelido de república), homem, branco, estudante de Engenharia com 1,18m de altura por ter displasia óssea, diversas vezes confundida com nanismo; Will Oliver, homem, gay, pardo, representante de vendas de cosméticos; Jéssica Tonelli, mulher, branca, diagnosticada com princípio de anorexia na adolescência, estudante de Cinema; e Ane, branca, loira, gorda, compulsiva alimentar, passou por fases de bulimia e estudante de Jornalismo. No documentário, entramos em questões como Imagem Corporal, padrões de beleza, importância da temática, pressões midiáticas e sociais, relacionamentos, aceitação, entre outros.

É natural que ao decorrer das entrevistas entremos em pontos diretamente ligados à gênero, aparência, cor, cabelo, entretanto nosso maior foco são os personagens e como eles lidam com essa questão bastante polêmica. Sabemos a importância da discussão sobre essas vertentes e não a diminuímos, porém estamos lidando com pessoas bastante diferentes e nossa intenção aqui, não é aprofundar em questões específicas de cada personagem e sim ter um espaço de mídia para que possam dizer, sem julgamentos de terceiros, o que sentem quando o assunto é o próprio corpo.

Entendemos que o corpo é exposto e que não só estamos o tempo todo em espaço de observação, como também a todo o momento estamos em julgamento da sociedade, portanto o corpo deixa de ser privado e individual e passa a ser politizado e cheio de sentidos. Entretanto, a mídia também tende a realçar alguns padrões e estereótipos quando se trata do corpo, novamente Alexandre (2001) problematiza:

Por exemplo, as mensagens publicitárias continuam nos vendendo a imagem que todas as mães são belas, que todas as famílias são felizes, que os donos de automóveis importados têm mais poder e charm do que os que possuem carros populares, que você é o que consome e será valorizado por isso. (ALEXANDRE, 2001, p.116)

Seguindo essa premissa, questionamentos como a representação da mídia ou a falta de representação foram feitos aos entrevistados. Relatos como a hipersexualização da mulher negra, a ausência de mulheres gordas em espaços jornalísticos, a supervalorização da imagem de homens gays e mulheres, e o espaço para anões apenas no humor, foram citados nas entrevistas. O próximo capítulo aprofunda o processo criativo e a produção do vídeo documentário.

### **3. RELATÓRIO TÉCNICO**

Neste capítulo serão apresentadas as fases de criação do videodocumentário *Nada é tão meu...minha carne não me revela*, em que detalharemos etapas do processo. Concordamos que a preparação é tão importante quanto a execução, para isso dividimos o capítulo em três etapas: pré produção, produção e pós produção.

#### **3.1 Pré-produção**

A primeira etapa para a produção do documentário e do memorial foi a pesquisa bibliográfica de temas e assuntos que embasaram conceitualmente a produção.



O interesse pela linguagem audiovisual surgiu após cursar a disciplina de Telejornalismo, levando a busca por uma mobilidade acadêmica<sup>4</sup> em que pudesse aprofundar ainda mais nas produções em vídeo. A partir daí tive oportunidade de cursar disciplinas como Documentário em TV e Produção em TV, e depois das literaturas oferecidas, documentários assistidos e produções realizadas, tive a certeza da afinidade pelo gênero.

Para além do gênero, a busca pelo tema foi baseada em um assunto que independente da quantidade de empenho demandado, estivesse a todo momento motivada, portanto leituras e estudo do mesmo conteúdo já haviam sido feitas antes mesmo que o projeto tenha sido pensado. A busca por leituras que me fizesse entender sobre a anorexia e os traumas causados na adolescência antes que eu tivesse a pretensão de elaborar qualquer projeto acadêmico me preparou para a escolha posteriormente. Ainda que essa busca tenha sido intensa, a aceitação do meu corpo era bastante complicada fazendo-me questionar algumas situações de como seria a sensação do reflexo de outras pessoas quando se olhavam no espelho. Após essa reflexão acreditei na execução de filme que pudesse questionar exatamente o que eu me questiono quando se trata do meu corpo, por ser um assunto pouco discutido entre eu e as pessoas de minha convivência, além de bastante polêmico.

O pré-projeto do documentário foi elaborado no primeiro semestre de 2017, e depois de concluído e ter sido aprovado pelo meu orientador, nos reunimos algumas vezes no mesmo ano e foram sugeridas literaturas para as férias sobre o formato documentário, roteiro, corpo e identidade, personagens e outros.

Decidimos que a pesquisa teria abordagem qualitativa, sendo a abordagem que permite fonte direta para coleta de dados como ambiente, análise de ocorrências e incumbência de sentidos Pronadov e Freitas (2013). O assunto estudado necessita maior flexibilidade e aproximação com o público, possibilitando que as fontes contem suas histórias sem que haja quantificação de valores.

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34)

Durante as férias, além de realizar algumas leituras, pesquisei e entrei em contato com meus personagens. A ideia inicial era pegar o máximo de pessoas de biotipos diferentes que

---

<sup>4</sup> Mobilidade acadêmica no primeiro semestre de 2016 na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

topassem gravar sobre corpo. Conversei com muitas pessoas, pedindo informações e ajudas para entrevistarmos as melhores fontes para esse documentário. Contatei as pessoas com uma breve conversa via *whatsapp*, sem muitas explicações para que eu conseguisse, no dia da gravação, que elas me contassem a história delas em primeira mão.

No primeiro encontro deste ano com meu orientador, decidimos um cronograma para que o tempo não fosse curto, já que entendemos que uma produção audiovisual para ser realizada individualmente demanda uma atenção e disponibilidade de horário maior. Os personagens não eram todos de Viçosa, por isso precisamos nos programar para as viagens até Ouro Preto e Belo Horizonte.

Pela necessidade de viagem, não consegui ninguém que me auxiliasse nos processos de gravação fora de Viçosa. Entretanto, usamos as dependências do DCM (Departamento de Comunicação da UFV) para definir modelos de enquadramento, planos de câmeras e posicionamento de entrevistador-entrevistado, bem como posição de luz e câmera.

### **3.2 Produção**

A execução deste vídeo documentário demandou um dia e três noites de gravação, sendo um dia em Viçosa, uma noite em Ouro Preto e duas em Belo Horizonte; cinco personagens. Os lugares foram escolhidos para a gravação após a chegada no local, levando em consideração a possibilidade de retirar o que fosse necessário do ambiente, portanto com a autorização das casas onde gravei, móveis foram mudados de lugar para melhor adequação dos bancos, luz, câmeras e o tecido preto ao fundo. Além de pedir o máximo de silêncio possível dos moradores e escolher um cômodo que não houvesse tanto movimento, principalmente na República em Ouro Preto, por ser um local frequentado por muitas pessoas.

É importante frisar a não utilização de um roteiro, as entrevistas foram gravadas como uma conversa, onde o primeiro passo era contar a minha história e tentar quebrar a tensão das personagens com a câmera. A partir do momento em que as fontes me davam liberdade e ficavam mais à vontade para falar, eu dizia que não era uma entrevista, era uma conversa e assim conseguíamos prosseguir. As perguntas surgiam com o desenrolar da conversa, respeitando os momentos de seriedade e descontraindo quando necessário.

O primeiro passo para que as gravações pudessem começar foi a compra de um tecido preto para o cenário, uma vez que determinamos o fundo igual para o destacamento dos personagens. Após adquirir o tecido, marcamos o teste no estúdio de fotografia do DCM, ali eu

juntamente com o servidor Albert decidimos a melhor iluminação, ângulo e disposição das câmeras.

Durante a primeira gravação percebemos que para que o personagem ficasse em evidência e para que a imagem saísse da forma esperada, era necessário um ambiente escuro com uma iluminação artificial, portanto, com exceção da gravação no estúdio, as demais foram gravadas à noite, com as luzes do local desligadas, apenas a luz oferecida pelo departamento acesa, rebatendo-a na parede para que não estourasse a imagem do entrevistado. No cenário havia o tecido preto de fundo, que foi colocado improvisadamente, dependendo do local que seria gravado; e um banco sem encosto para o personagem.

A dificuldade esperada de filmar tudo sozinha aconteceu como o previsto. Estar atenta a bateria de câmeras, ruídos que poderiam acontecer e ainda estar totalmente imersa na conversa com os personagens foi realmente um obstáculo, porém o maior deles durante a produção deste documentário foram duas entrevistas já marcadas para Belo Horizonte, não aconteceram. Os personagens desistiram um pouco antes da gravação, então precisei de ajuda para conseguir outras pessoas, entendendo que três pessoas apenas, não conseguiria material suficiente para o trabalho. Então com a ajuda da Ane, conseguimos mais outras duas pessoas que toparam gravar no dia seguinte. Em Viçosa usamos como locações o estúdio de fotografia. Em Ouro Preto, gravamos no quarto de estudos da República Convento e em Belo Horizonte no quarto de visitas da casa da Ane.

Foram utilizadas duas câmeras Nikon D3200, sendo uma com lente 50mm, em primeiro plano, focada nos entrevistados; e a outra em plano aberto, capturando o cenário; as duas câmeras paradas e para cada câmera um tripé. Também foram usados dois tipos de iluminação artificial, uma luminária com lâmpada halógena virada para a parede para que a imagem não estourasse o branco e uma luminária de led, que ficou posicionada atrás do banco dos entrevistados, para dar profundidade em relação ao fundo. Além disso, 4x3 metros de tecido Oxford preto, que foi dobrado ao meio e costurado como cortina, para mais fácil manuseio no momento de colocá-lo e também fita adesiva para que ajudasse o tecido a ficar esticado.

Nesta etapa, definimos que contrataria um desenhista para fazer um retrato falado de cada um dos entrevistados, e um dos pedidos que eu fiz na entrevista foi: "Se você pudesse se desenhar, como você se desenharia?", a partir das respostas dadas, enviei os áudios para o desenhista Ricardo Mazzei, que não soube o nome nem viu nenhuma gravação e deu sua interpretação para as falas de cada personagem, e após a finalização dos desenhos, os enviaria aos personagens e eles fariam um vídeo amador para dizer o que acharam, que encerraria o documentário.

A ideia do desenhista surgiu para uma complementação do documentário, pensando na dificuldade que temos de falar sobre nós mesmos. Para algumas pessoas a aceitação não é um processo fácil, para outras nunca houve dificuldade, mas estamos preparados para falar para outra pessoa como nos enxergamos? E quando um terceiro escuta e tenta colocar no papel essas características? O papel do desenhista é para além de complementar o trabalho, ele realça a reflexão da aceitação corporal e do falar de si mesmo.

### *3.2.1 Personagens do documentário e técnicas de abordagem*

Como o tema interfere em um passado intenso de transtorno alimentar pessoal, optei por começar todos os encontros com o local a ser filmado já montado e as câmeras posicionadas, uma cadeira para que eu ficasse na altura do personagem ao lado da câmera de primeiro plano, demonstrando que estávamos ali para uma conversa. Com a estratégia, conseguia ficar à vontade para envolver o entrevistado no contexto.

Antes da gravação, me apresentava e contava um pouco da minha história e o porquê de estar produzindo um documentário sobre o tema. Em seguida, pedia para que eles se apresentassem e me contassem um pouco de quem eram, além de tocar em alguns pontos em comum: relacionamentos, dificuldade ou não de aceitação, como a sociedade os enxergam e como eles se enxergam. A direção que a primeira entrevista tomou, foi de muita importância para a execução das demais, para que não houvesse assuntos muito distintos e facilitar de certa forma na montagem do roteiro.

Comumente, gravações de entrevistas são acompanhadas de uma pauta ou um roteiro já estabelecido de perguntas a serem feitas pelo entrevistador. Não são raros os casos em que até mesmo as respostas são combinadas, afim de produzir o conteúdo já planejado para a edição. Entretanto, optamos por uma entrevista livre, que acontecia na medida em que os personagens se soltavam e ficavam à vontade para compartilhar relatos tão pessoais. Para que as entrevistas fossem concluídas da forma esperada, a sala era montada e as câmeras testadas antes que o entrevistado chegasse. Como eu ficaria sozinha com as personagens, precisava garantir que estaria tudo em ordem no ponto de gravar, e para que a tensão da câmera fosse quebrada, eu posicionei uma cadeira ao lado do tripé da câmera principal, assim eu ficava da altura da personagem e ela podia conversar de igual para igual, sem intencional qualquer superioridade ou inferioridade diante da câmera.

Anteriormente fiz algumas perguntas pelas quais eu tentaria seguir a conversa, entretanto, para que eu não perdesse o foco na personagem preferi não levar esta lista de perguntas, assim

minha atenção se voltaria completamente para o entrevistado, uma vez que eu já sabia quais pontos eu achava interessante tocar, a história de cada um que conduzia o rumo das entrevistas. Outro ponto interessante de ressaltar é que como a intenção das entrevistas era parecer um bate-papo, um cuidado que eu tive para a cinegrafia era que a gravação fosse direta, sem pausa. Só pausava a gravação por algum problema técnico, como por exemplo a bateria descarregar, que aconteceu em Belo Horizonte, onde fizemos uma sequência maior de gravações; por isso, alguns detalhes de dispersão da personagem ou algum ruído sonoro exagerado foi tirado apenas na edição. Não gravamos duas vezes uma mesma pergunta para que a conversa fluísse e eles não se sentissem intimidados.

Com exceção da Ane, é válido destacar que eu não conhecia nenhum dos personagens pessoalmente e não fazia ideia de quais histórias estavam por vir, o que me fez procurar por leituras, como por exemplo, “Fazendo as Pazes com o Corpo” de Daiana Garbin, para como eu poderia lidar com cada um em suas peculiaridades. Falar sobre algo tão íntimo e tão sensível para mim, me fez por vezes ficar desconfortável ao pensar em como abordaria as pessoas durante as filmagens. A seguir, os personagens entrevistados para o documentário serão apresentados:

1- Júlia Costa - Mulher, negra, estudante de Geografia da UFV, integrante do NEAB (Núcleo de Estudos Afro Brasileiro), nascida em João Monlevade, mudou-se para Viçosa há cinco anos. Conta como Viçosa é um espaço para descobertas e só depois de entrar no NEAB ela se reconheceu enquanto negra e tomou consciência do quanto já havia sofrido com o preconceito. "Me assumir como mulher, negra e gorda, é como dar um tapa na cara da sociedade"<sup>5</sup>

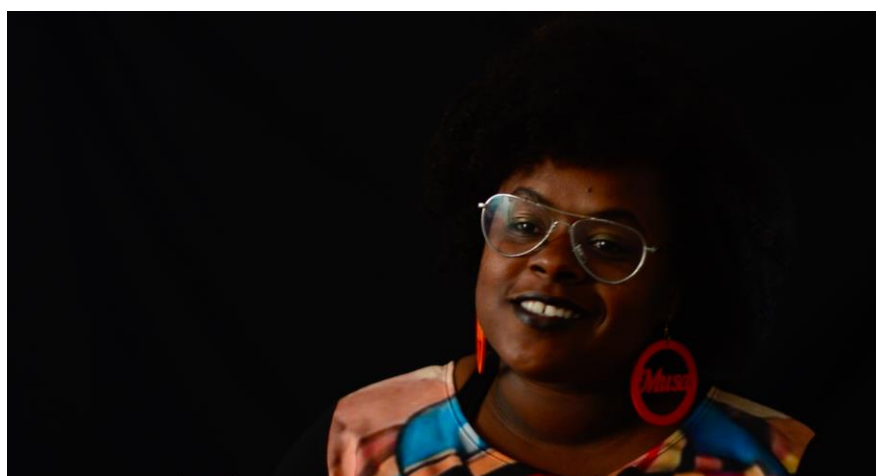


Figura 1: Julia Costa, em entrevista para o documentário

---

<sup>5</sup> Todas as aspas inseridas nas apresentações dos personagens foram retiradas de trechos do videodocumentário

2- João Pedro Cardoso - Homem, branco, conhecido como “Dusmales, o menor”, nascido e criado em Mariana, estudante de engenharia em Ouro Preto, morador da República Reino de Baco, possui displasia óssea, muito confundido com nanismo. Ele conta que nunca teve dificuldades e que os pais sempre o ajudaram a ter uma vida normal. "Se eu fosse diferente disso aqui, não sei o que eu seria não."



Figura 2: João Pedro, em entrevista para o documentário

3- William Lázaro - Homem, gay, pardo, trabalha com vendas de cosméticos. Nascido e criado em Nanuque, conta que até os 14 anos sofria muito preconceito e não se assumiu homossexual. Só depois de mudar para Contagem, grande BH, conseguiu lutar pela aparência que desejava e não se importa mais com o que os outros falam. "Muitas vezes o povo fala, nossa William, você fica muito bem de cabelo cacheado, mas não por gostar de mim de cabelo cacheado, mas por eu parecer mais 'homem' com esse cabelo".



Figura 3: William Lázaro, em entrevista para o documentário.

4- Jéssica Tonelli - Mulher, branca, nascida em Piracicaba - São Paulo, atualmente cursa cinema na PUC Minas em Belo Horizonte. Foi diagnosticada com anorexia em sua adolescência, "Apesar que essas coisas a gente não cura né?!", após estudar bastante sobre abuso, descobriu que havia sido abusada na infância e recentemente, e diz que falar sobre corpo sempre foi um tema bastante complexo.



Figura 4: Jéssica Tonelli, em entrevista para o documentário

5- Ane Guimarães - Mulher, branca, nascida em Montes Claros, atualmente cursa Jornalismo da PUC Minas, apresenta um programa de jornalismo cultural na PUC TV Minas, o "Espaço Cult". Ela já sofreu com bulimia e conta que a primeira vez que teve o primeiro contato com dieta e tomou dimensão do que era seu corpo com cinco anos. "Eu me sinto uma modelo magérrima, com uma autoestima de uma modelo linda, preso no corpo de uma mulher gorda".



Figura 5: Ane Guimarães, em entrevista para o documentário

### 3.3 Pós-produção

Após finalizar as gravações, os vídeos foram exportados para o computador e organizados em pastas para cada entrevistado. As imagens e áudios das duas câmeras foram sincronizados antes de qualquer corte para que ficasse mais fácil de editá-los. Foi feito um mapeamento de temas para entender os que se esbarravam e assim foram selecionadas as partes e já cortadas no programa de edição *Adobe Premiere Pro CC*. Feitos os cortes, pudemos imaginar um roteiro que fosse dividido por problemáticas indicadas pelos próprios entrevistados, percebi que alguns pontos de como a sociedade os via, introduziram um pouco com a infância, o contato com o espelho e a aceitação de cada um. Colocar todo o material sem dividi-los em blocos poderia ficar extenso e cansativo, então decidimos dividi-los em blocos.

A ideia desde o início era finalizar o documentário com os entrevistados se descrevendo e os desenhos, e para não ficar extremamente solta a ideia do desenhista, resolvemos colocar imagens de *off* que remetem a desenhos nos blocos de transição, para deixar subentendido uma revelação no final do filme. As imagens de *off* transição dos temas foram gravadas na casa do desenhista Ricardo Mazzei, com a câmera Nikon D3200 e lente de 60mm, com a ajuda da colega de curso Pollyana Rioga.

Foram usados os programas *Adobe Premiere Pro CC* e *Adobe After Effects CC* para a edição de todo o documentário, que foi realizada pela desenvolvedora do trabalho. O nome do filme só surgiu durante a execução da edição e após a escolha de uma das músicas da trilha sonora, "Triste, louca ou má" de Francisco, *el hombre*. A fonte usada para o título do documentário foi Francisco, baixada pelo site [www.dafont.com](http://www.dafont.com).

Além da canção de *Francisco, el hombre*, a trilha sonora é composta por mais três músicas brasileiras, sendo "Primavera nos dentes" dos *Secos e Molhados*; "Velha e Louca" de *Mallu Magalhães*; e "#eunãomereço" de *Djambê*. Todas elas têm em comum aceitação e auto afirmação, o que justifica a preferência por essa trilha.

A edição foi feita durante todo o mês de maio e após a finalização da edição de todo o material, decidimos produzir os créditos de forma que mostrasse o meu envolvimento com o filme, aparentando que de alguma forma eu também passo pelo processo de aceitação corporal. Com a ajuda de outra colega da Comunicação, Luana Mota, gravamos os créditos finais no estúdio de vídeo do DCM, o fundo verde de *chroma key*, batom vermelho para a escrita dos créditos, uma câmera Nikon D3200 no tripé para a estabilização da imagem.

Com os créditos gravados e editados, entramos na etapa final do memorial e do projeto experimental. A edição final do documentário "enxugou" algumas falas dos personagens e



decidimos que o tempo máximo de filme seria, de no máximo 30 minutos. Também precisou executar a equalização dos áudios, já que cada personagem tem um tom de voz. O produto final foi exportado do programa *Adobe Premiere Pro CC*, no formato H264, e possui 29 minutos e 03 segundos.

### 3.4 Ficha técnica

A realização do produto foi feita a partir de equipamentos do Departamento de Comunicação Social da UFV e com recursos técnicos da autora do trabalho. Além disso, o projeto contou com algumas colaborações, como consta na ficha técnica:

<b>EQUIPAMENTO</b>	<b>FONTE</b>	<b>COLABORAÇÃO</b>
02 câmeras Nikon D3200	Departamento de Comunicação Social - DCM	Albert Ferreira
Lentes 35mm, 50mm e 60mm	Departamento de Comunicação Social - DCM	Albert Ferreira
03 tripés (02 para câmeras e um para iluminação)	Departamento de Comunicação Social - DCM	Albert Ferreira
Iluminação LED e Halógena	Departamento de Comunicação Social - DCM	Albert Ferreira
Adobe Premiere Pro CC	Site do desenvolvedor	--
Adobe After Effects CC	Site do desenvolvedor	--
Viagens, hospedagem e alimentação.	Recurso da aluna	--
Computador	Recurso da aluna	--
Imagens de off	Voluntária	Pollyana Rioga
Créditos Finais	Departamento de Comunicação Social - DCM	Luana Mota

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que sofri com o princípio de anorexia na adolescência, o meu corpo foi um problema calado, por vezes apenas a escrita era uma forma de desabafo. Produzir o documentário *Nada é tão meu...minha carne não me revela*, foi para além de uma experiência académica, parte da minha aceitação corporal. Fazer a junção de uma paixão que é a produção audiovisual com essa temática, foi o motivo de tamanha imersão neste trabalho. Estar completamente envolvida com a relação corporal, me fez ter a oportunidade de conversar com muitas pessoas, fazendo-me perceber que tal assunto deve ser aprofundado e refletido, me trazendo a necessidade de uma produção posterior de um possível longa-metragem.

Durante as entrevistas, pude notar como o jornalismo se faz importante de diversas formas, como a relação entre fonte e jornalista. Dar espaço para que pessoas falem sobre si, diante de uma câmara não é um trabalho fácil, entretanto nosso papel enquanto jornalistas é deixá-los o mais à vontade para que a história seja contada com leveza. Esta parte foi concluída com sucesso, o que torna perceptível que as aulas teóricas durante a graduação puderam ser colocadas em prática.

A importância do processo de produção deste trabalho foi fundamental para o resultado final, fazendo-me perceber que o jornalismo humanizado se torna mais rico e próximo tanto de quem fala, como de quem consome o conteúdo, além no crescimento pessoal e profissional que este me proporcionou.

Apesar das limitações citadas durante a produção deste videodocumentário, como por exemplo o espaço de tempo curto, gravações e entrevistas sem o auxílio de outra pessoa, a pouca experiência em edição e os locais de gravação improvisados, a produção deste vídeo documentário me permitiu enxergar a necessidade do jornalismo imerso. Poder produzir algo com tamanha liberdade criativa foi de grande relevância para que o trabalho se concluísse com êxito.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marcos. **O Papel das mídias na difusão das representações sociais**. Comum, Rio de Janeiro - v.6 - n.º 17, p. 111 a 125. 2001.

DE ARAÚJO BEZERRA, Cláudio Roberto; RAMOS, Fernão Pessoa. Documentário e performance: modos de a personagem marcar presença no cinema de Eduardo Coutinho. **DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 6, p. 238, 2009.

FERNANDES, Emanuelle; FURTADO, Thais. **O Corpo (gozado) e manipulado pelo outro (consumismo)**, 2015.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**. Editora Objetiva, 2001.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho**. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 125-138, mar. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772009000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em: 11 abr. 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Editora Record, 1997.

MATOS, Michele; GUERRA, Márcio. **Um novo olhar entre a realidade e a ficção: O documentário “Vinícius de Moraes” como construção criativa**. 2013.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação&Informação, Goiânia, v. 5, n. 1/2 - jan./dez. de 2002. ISSN 1415-5842. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24168/14059>>. Acesso em: 08 mar. 2018. doi:[10.5216/c&i.v5i1/2.24168](https://doi.org/10.5216/c&i.v5i1/2.24168)

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.

NODARI, Sandra. A pesquisa como fundamento no roteiro de documentário. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. p. 1-11. Disponível em: [http://www.academia.edu/1934903/A\\_Pesquisa\\_como\\_Fundamento\\_no\\_Roteiro\\_de\\_Documentário](http://www.academia.edu/1934903/A_Pesquisa_como_Fundamento_no_Roteiro_de_Documentário). Acesso em: 25 de março de 2018

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema I – Laboratório de Guionismo**. Labcom Books, 2010.

PRONADOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, v. 5, n. 6, p. 80-90, 2005.

SAMPAIO, Rodrigo P. A. de; FERREIRAI, Ricardo Franklin. Beleza, identidade e mercado. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 120-140, abr. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682009000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 27 abril 2018.

SOUZA, Gustavo. **Fronteiras (in)definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo**. Caligrama (São Paulo. Online), [S.l.], v. 3, n. 1, apr. 2007. ISSN 1808-0820. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64872/67486>>. Acesso em: 08 mar. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2007.64872>.

TAVARES, Maria da Consolação G. Cunha et al. Imagem corporal: conceito e desenvolvimento. In: **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. 2003.

## 6. ANEXOS

### ROTEIRO - VIDEODOCUMENTÁRIO

ROTEIRO: NADA É TÃO MEU...MINHA CARNE NÃO ME REVELA	DIREÇÃO: AMANDA RIVELLI	DURAÇÃO APROXIMADA: 30 MINUTOS
<p>Início da trilha (Primavera nos dentes – Secos e Molhados)</p> <p>FADE IN: IMAGENS DOS PERSONAGENS ENTRANDO EM CENA E SENTANDO NO BANCO. FADE OUT.</p> <p>FADE IN: CLIFE DESENHISTA01 FADE OUT.</p> <p>CLIFE ANE001</p> <p>Fim da trilha</p> <p>CLIFE WILL001</p> <p>CLIFE JESSICA001</p>	<p>FADE IN TEXTO NA TELA NADA É TÃO MEU – MINHA CARNE NÃO ME REVELA FADE OUT ==</p> <p>Ane: “Porque na minha casa esse negócio de ser magro, sempre foi muito importante, porquê meu pai é bonito e magro, minha mãe é bonita e magra...porque quando tem uma filha, aí tem um bebezinho e o bebezinho já tá engordando, já fala assim, ai acho que esse bebezinho já tá gordinho, já tá gordinho demais, já temo que começar a fazer dieta.”</p> <p>Will: “Morei com a minha vó durante sete anos, na minha fase de sete a 14 anos, a infância a gente não lembra muito bem né?!... ah eu quero vestir essa roupa, ah eu quero vestir esse short.”</p> <p>Jéssica: “É complicado, é um assunto meio complexo assim...</p>	

<p>CLIQUE ANE001</p>	<p>abuso, comecei a estudar mais sobre abuso. E eu me toquei que eu já tinha sofrido abuso quando menor, já tinha sofrido abuso na infância. E só hoje eu vi que isso me trouxe consequências.”</p> <p>Ane: “Só que meus pais me levaram num endocrinologista quando eu tinha cinco anos de idade, pra eu poder emagrecer... eu lembro como se fosse hoje ele pegou uma revista de uma mulher muito gorda assim, ela estava obesa, hoje eu considero uma modelo plus size, mas na época tudo bem.”</p>
<p>CLIQUE JOAO001</p>	<p>João Pedro: “Eu sou um cara bem tranquilo mesmo, sou muito engraçado e tal, eu faço todo mundo rir. Eu nunca tive problema nenhum com meu problema... e por isso mesmo eu sempre fui muito bem, nunca sofri com nada, sempre lidei numa boa, brincadeira sempre lidei. Eu sei brincar também então quando a pessoa brinca comigo eu brindo também.”</p>
<p>CLIQUE JULIA001</p>	<p>Júlia: “Tem um livro da Neusa Santos, que é Tornar-se negro, um dos livros que eu li, que fala como que o racismo é cruel né... e com batom, eu não usava batom porque falavam que batom com pessoas da minha cor não combinava, ai eu falei, gente, e eu acreditava nisso, falava não, não combina com você.”</p>
<p>CLIQUE JESSICA001</p>	<p>Jéssica: “e até porque eu sofri um tem pouco tempo, um segundo... porque isso afetou a forma como eu me via quando</p>

<p>CLIQUE ANE001</p> <p>Início Trilha(Triste, louca ou má-Francisco, el hombre)</p> <p>FADE IN</p> <p>CLIQUE DESENHISTA02</p> <p>FADEOUT</p> <p>CLIQUE JULIA001</p> <p>Fim da Trilha</p> <p>CLIQUE WILL001</p>	<p>era pequena, a forma como eu me via quando adolescente, e a forma como eu me vejo hoje.”</p> <p>Ane: “Ai ela era muito gorda, ai ele pegou da revista assim, ai ele foi e colocou na minha frente assim...ai eu peguei esse pacote de biscoito e coloquei esse biscoito na boca, e foi como se a comida tivesse perdido o gosto, sabe, o que me dava prazer, não me dava prazer, e eu fiquei muito chateada de pegar o biscoito e jogar fora e achar que eu nunca mais ia comer na minha vida, que eu não queria ser aquela mulher da revista.”</p> <p>FADE OUT</p> <p>==</p> <p>Sobe BG</p> <p>Desce BG</p> <p>Júlia: “Moro aqui em Viçosa há cinco anos mais ou menos assim... a gente consegue ver como as pessoas nos veem, e é essa questão que você falou né, meu corpo não é o bem visto, não é o saudável, não é o bonito...mas assim, como lidar com isso?”</p> <p>Will: “A partir do momento que eu vim embora pra cá, pelo fato de ter sofrido muito preconceito... Isso me fez ser assim porque eu queria mostrar pra todo mundo que eu não era aquela pessoa que eles achavam que eu era.”</p>
--	--

CLIFE JOAO001	João Pedro: “ Eu sou um cara que me relaciono bem com as pessoas... eu aceito zoação porque eu zoo também sei brincar, brinco com todo mundo”
CLIFE ANE001	Ane: “Assim, eu me acho linda, a única coisa que abala minha autoestima é quando alguém vem me dizer que eu não sou linda... mas hoje em dia as pessoas são mais cuidadosas ao dizer que você está gorda.”
CLIFE JESSICA001	Jéssica: “Eu não sentia vontade de me arrumar, eu não via sentido naquilo...hoje eu me arrumo um pouco mais por prazer, mas tem dia que eu acordo e fico, eu tô ótima assim sabe, não preciso de mais nada.”
CLIFE JULIA001	Júlia: “ Hoje em dia já é moda ter o cabelo cacheado, crespo já é moda... porque que hoje o magro é questão de saúde?”
CLIFE JOAO001	João Pedro: “ Eu já fui liberado de revista...Nunca liguei, mas acho que eles tem vergonha, medo de eu falar alguma coisa, não sei”
CLIFE WILL001	Will: “Sempre gostei do meu corpo, nunca tive problema com isso... você não sabe dos meus problemas então eu vou continuar assim”
CLIFE ANE001	Ane: “Por mais que internamente eu construa a minha autoestima... não deveria ter um corpo certo ou errado, apesar que tem”
CLIFE JULIA001	Júlia: “Eu fiz um poema né,



<p>Início da Trilha (Triste, louca ou má – Francisco, el hombre)</p> <p>FADE IN</p> <p>CLÍPE DESENHISTA03</p> <p>FADE OUT</p> <p>CLÍPE ANE003</p> <p>CLÍPE JULIA001</p> <p>CLÍPE JESSICA001</p> <p>CLÍPE JOAO001</p>	<p>Negra Gorda e daí?!, fiz uma campanha no Facebook... o que que tem de incômodo no meu corpo? Porque que as pessoas repudiam tanto o meu corpo? E foi assim, foi brigando, porque assim teve momentos que eu queria ter o corpo que todo mundo deseja, mas eu não tenho o corpo que todo mundo deseja, e é um confronto intenso, você não consegue as vezes, reagir.”</p> <p>FADE OUT</p> <p>==</p> <p>Sobe BG</p> <p>Desce BG</p> <p>Ane: “Só que o maior problema de tudo isso, é que todo dia da minha vida... eu nunca deixei isso influenciar minha vida”</p> <p>Júlia: “Na verdade eu não me via no espelho e não sabia por que eu não me via... foram pessoas que me motivaram a tá me olhando no espelho.”</p> <p>Jéssica: “Quando eu descobri que eu estava com princípio de anorexia...e pra sua idade tá errado sabe, não pode.”</p> <p>João Pedro: “Não, chama displasia óssea, é diferente, o meu eu tenho problema nos ossos, nanismo é hormonal, é falta de igh”</p>
--	---

CLIFE JÚLIA001	Júlia: “ O que que era ser negra? As pessoas me viam como negra e eu não me via como negra...mas infelizmente a opinião do outro reflete nessa autoestima que eu to construindo”
CLIFE JESSICA001	Jéssica: “ A questão do meu corpo, acho que foi a primeira fase...como eu vivia e guardava tudo pra mim, eu escondia até isso.”
CLIFE WILL001	Will: “ Vejo muita diferença de antes pra hoje, é tanto que é meio que choca a minha mãe... mas é esse tipo de roupa que me deixa bem, eu acho que me valoriza e eu continuo assim.”
CLIFE JOAO001	João Pedro: “Todo anão e taxado como o engraçadão, que faz a alegria da galera, na minha parte é assim, mas talvez tenha outros anões que não seja, entendeu?”
CLIFE ANE002	Ane: “ E eu sempre vivo tipo numa balança. Eu sempre vivo na balança mesmo... ou pelas coisas que eu faço também, os meios que eu convivo, se eu fosse magra provavelmente seria mais conveniente mesmo.”
CLIFE JOAO001	João Pedro: “Eu entendo muito bem isso ai, toda família acho que a gente tem um caso de alguém que não se aceita muito bem e tal. Eu entendo isso, eu entendo, mas da minha parte nunca liguei e acho que nunca vou ligar também não, pode ser que eu ligue um dia, mas até o momento não.”
CLIFE JULIA001	Júlia: “ Eu falo que eu sou

<p>CLIQUE ANE 003</p>	<p>bonita, as pessoas me falam, nossa é muita autoestima hein... é como se eu não tivesse direito de ter uma autoestima né, ai eu fico assim, é um povo bem estranho os comentários que a gente escuta.”</p> <p>Ane: “ Então meu corpo nunca me impediu de destacar em cena, ou de subir num palco...eu tive coragem de mostrar meu corpo, uma coisa que eu sempre escondi, com roupa com tudo.”</p>
<p>CLIQUE JESSICA001</p>	<p>Jéssica: “Acho que além da mutilação, anorexia, a questão do se olhar no espelho também é muito forte... Hoje eu posso dizer com muita certeza assim que eu me olho no espelho e vejo uma mulher, eu me olho no espelho e vejo alguém que eu gosto. Alguém que, eu me reconheço e sei o que eu sou hoje sabe? É muito isso.”</p>
<p>CLIQUE JOAO001</p>	<p>João Pedro: “ Eu gosto muito do jeito que eu sou, eu falo que assim, nossa se eu fosse diferente disso aqui eu não sei o que eu seria não...nesses momentos eu falo, nossa eu sou bom mesmo, eu sou o cara.”</p>
<p>CLIQUE WILL001</p>	<p>Will: “ Tenho um sério problema com meu corpo, as vezes pode ser até auto ego demais...Por enquanto não tem nada que me incomode.”</p>
<p>CLIQUE JULIA001</p>	<p>Júlia: “ Entender essa questão social, o modo como a sociedade me vê... Ou me aceita do jeito que eu sou, ou sai da frente que eu tô passando. É isso que eu falo pras pessoas.”</p>

<p>Início da trilha(Velha e louca-Mallu Magalhães)</p>	<p>FADE OUT</p> <p>Sobe BG</p> <p>FADE IN Texto na tela</p> <p>“Durante as entrevistas foi feita a seguinte pergunta aos personagens: “Se fosse para você se autodescrever para um retrato falado, como seria?”</p> <p>“Convidamos um desenhista que topasse o desafio de concretizar a pergunta das entrevistas, e o resultado foi...”</p> <p>FADE OUT</p>
<p>Fim da trilha</p>	<p>FADE IN</p> <p>Desce BG</p> <p>Amanda: “ Você conseguiria fazer pra mim tipo um autorretrato, falar como você, se alguém não pudesse te enxergar...”</p>
<p>CLIFE JESSICA001</p>	<p>Jéssica: “Hoje? Não sei acho que ainda não consigo falar sobre mim assim... mas quando começa a conversar é muito expressiva assim, é, não sei que mais.”</p>
<p>CLIFE WILL001</p>	<p>Will: “Seria tipo alto, eu acho meu corpo um pouco desproporcional da cintura pra cima e pra baixo... meio difícil fazer um retrato falado. Meu nariz, agradeço a Deus por não ter puxado o do meu pai porque é horrível.”</p>
<p>CLIFE JULIA001</p>	<p>Júlia: “ Pés médios, coxas grossas, bunda grande, barrigão, peitos grandes, boca carnuda, cabelo crespo, olhos meio</p>

	<p>pequenos, bochechas mais grandinhas, o sorriso abertinho né. Assim eu não sei me descrever assim, eu não sei, não sei como me descrever. Eu me vejo e to muito bem com essas características.”</p>
<p>CLIQUE ANE003</p>	<p>Ane: “ Eu me sinto hoje, não eu não me sinto hoje, eu acho que eu sempre me senti assim...de uma pessoa magra, presa no corpo de uma gorda”</p>
<p>CLIQUE JOAO001</p>	<p>João Pedro: “Baixinho, 1,18m, bem pequeno mesmo, é, sou meio gordinho, cabeça grande, bunda grande, é, esse sou eu...olho claro, olho verde, loiro, esse sou eu.”</p>
<p>Início da trilha (#eunãomereço- Djambê)</p>	<p>FADE OUT == Sobe BG</p>
<p>CLIQUE CREDITOS001 CLIQUE EFEITO REC</p>	<p>FADE IN</p> <p>APOIO: Logo da UFV Logo do DCM Logo Curso da COM</p> <p>PERSONAGENS: Ane Guimarães Jéssica Tonelli João Pedro Cardoso Júlia Costa William Lázaro</p> <p>AGRADECIMENTOS: Albert Ferreira Luana Mota Marcella Freitas Pollyana Rioga República Convento</p> <p>ORIENTAÇÃO:</p>

	<p>Felipe Menicucci</p> <p>PRODUÇÃO, EDIÇÃO E DIREÇÃO: Amanda Rivelli</p> <p>Desce BG</p>
--	---



Universidade Federal de Viçosa Departamento  
de Artes e Humanidades Curso de  
Comunicação Social/Jornalismo

## AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM

Eu \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, profissão \_\_\_\_\_, cpf \_\_\_\_\_, rg. \_\_\_\_\_, residente  
à \_\_\_\_\_ cidade/uf \_\_\_\_\_, cep.  
\_\_\_\_\_, tel. (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_, doravante apenas “autorizador(a)”, venho, através da presente,  
**autorizar**, expressamente, a UFV – **Universidade Federal de Viçosa** a reproduzir, publicar, veicular,  
citar e exibir meu nome, minhas declarações e/ou minha imagem no projeto  
experimental \_\_\_\_\_ **quantas vezes se fizerem necessários**  
e em todo território nacional e, eventualmente, no exterior, em meio impresso e eletrônico (internet),  
em local, edição, tamanho a serem definidos a exclusivo critério da autorizada.

A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo  
ou ônus, a qualquer tempo e título.

Viçosa \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura